

PRUEBA DE CERTIFICACIÓN DE NIVEL INTERMEDIO B2

PORTUGUÉS

COMPRENSIÓN DE TEXTOS ESCRITOS (CTE)

Duración de la prueba: 55 minutos

DATOS PERSONALES

Apellidos: _____

Nombre: _____ Comisión Evaluadora: _____ Nº Orden: _____

Oficial

Libre

INSTRUCCIONES

- **NO** abra el cuadernillo de examen hasta que se lo indique su profesor.
- Las tareas deben escribirse con **bolígrafo negro o azul** (no con lápiz) y en el espacio indicado. **No escriba en las zonas sombreadas.**
- **Haga todas las tareas.** Al principio de cada tarea hay un ejemplo ilustrativo con el número cero.
- Al final de la prueba entregue dentro del cuadernillo **todo el papel** de borrador utilizado.
- Permanezca en su asiento hasta que el profesor indique el final de la prueba.

ITEMS CORRECTOS

Tarea 1: ____/10

Tarea 2: ____/10

Tarea 3: ____/5

TOTAL: ____/25

Tarefa 1

Em cada umas das seguintes perguntas, com base no texto, vão aparecer 3 itens. Você terá de escolher apenas uma hipótese. Faça conforme no exemplo 0.

Pontuação: 10 X 1 = 10 valores.

Três quartos dos portugueses usam telemóveis quando conduzem.

0. O Presidente da Prevenção Rodoviária Portuguesa diz
- que conduzir com um sistema de mãos livres é muito seguro.
 - que conduzir com um sistema de mãos livres implica quase o mesmo risco do que falar com o telemóvel na mão.**
 - que conduzir com um sistema de mãos livres não é legal em Portugal.
1. Do inquérito se deduz
- que 74% dos portugueses não usam mãos livres.
 - que 13% dos portugueses não usam telemóvel no seu quotidiano.
 - que a maioria dos portugueses fala por telefone enquanto conduz.
2. A traves do estudo viemos a saber que além de receberem chamadas ou de lerem informações há uma percentagem de portugueses que interatua a través do telemóvel enquanto conduz. Segundo o estudo, essa percentagem supõe
- quase um quarto dos portugueses inquiridos.
 - um quarto ou possivelmente mais do que um quarto.
 - 19% dos portugueses.
3. Com a expressão “*o resultado dá nas vistas*” quem fala quer dizer que
- o resultado é evidente.
 - o resultado chama a atenção.
 - o resultado é duvidoso.
4. Quanto ao uso do telemóvel
- uma grande percentagem dos portugueses mostra-se muito critico com o seu uso ao volante, seja qual for.
 - uma grande percentagem dos portugueses mostra-se flexível segundo a forma em que se fizer uso dele.
 - uma pequena percentagem acha que não se deve pegar no telemóvel enquanto se conduz.
5. Quando José Miguel Trigoso diz “*se duplicarmos o valor das multas quando se é apanhado com o telemóvel na mão, como recentemente foi anunciado, estaremos ainda longe de resolver este problema*”,
- está a falar de uma certeza real.
 - esta a falar de forma hipotética.
 - esta a fazer uma suposição totalmente irreal.
6. Segundo José Miguel Trigoso
- fumar e falar é muito bom para a condução.
 - fumar e falar não é comparável a usar o telemóvel, mas igualmente perigoso.
 - fumar é menos perigoso, ao volante, do que falar por telemóvel, mesmo que seja através de mãos livres.

7. Qual o sentido mais próximo de “*uma vez que*”?
- no entanto, porém.
 - desde que.
 - visto que.
8. Não conhecemos realmente o número de acidentes devidos ao telemóvel
- porque os condutores podem perder a carta e não reconhecem a causa.
 - porque os condutores a fim de iludirem a responsabilidade comunicam causas falsas.
 - porque na altura de fazer o parte ao seguro as causas que se comunicam são outras diferentes das reais.
9. Qual é o sentido de “*apurar*”?
- confirmar.
 - indicar.
 - averiguar.
10. Segundo Maria Luís Rodrigues
- o maior problema atualmente ao volante é a distração por causa de os carros terem gadgets.
 - o facto de os carros terem gadgets é um problema que se soma a outros.
 - o grande problema é que se conduz durante muito tempo.

Grelha de respostas

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
B										
✓										

Tarefa 2

Coloque as seguintes palavras na casa que corresponda da GRELHA DE RESPOSTAS, tendo muito em conta que apenas dez devem ser inseridas no texto, sendo o resto delas uma opção errada. Faça conforme no exemplo 0: “do”
Pontuação: 10 X 1 = 10 valores.

Viver no campo vai ser a tendência e ainda bem.

Grelha de respostas

0	<i>do</i>	✓		
1			6	
2			7	
3			8	
4			9	
5			10	

	10
--	-----------

Tarefa 3. Grelha de respostas.

Responda às perguntas com base no seguinte texto e conforme no exemplo 0. As respostas não podem ficar limitadas a um “sim” ou “não”, antes bem, terão de conter uma explicação breve e clara.

Pontuação: 5 X 1 = 5 valores.

O problema mal resolvido da habitação em Portugal.

0. Por acaso a paz demorou a chegar nos tempos da revolução?	<i>Não, a paz veio imediatamente.</i>	✓
1. Que quer dizer o autor, no texto, com “ <i>pôr em causa</i> ”		
2. Tente exprimir por suas próprias palavras “taxas de juro”?		
3. Porque é que o estado fez uma política errada quando tentou resolver o problema da habitação?		
4. Por acaso, em Portugal, a perda da casa por não pagar supõe a cancelação da dívida com o banco?		
5. Que tem a ver a queda nos preços das casas com o facto de o financiamento ser mais pequeno e com maiores custos?		

5

Tarefa 1

Três quartos dos portugueses usam telemóveis quando conduzem.

Presidente da Prevenção Rodoviária Portuguesa defende que risco de falar em sistema de mãos livres, apesar de ser legal, é quase igual ao de ter telemóvel na mão durante a condução.

Os portugueses estão entre os condutores que mais utilizam o telemóvel enquanto conduzem, revela um estudo efetuado em cinco países da EU e nos EUA e que esta quarta-feira foi apresentado em Lisboa. Dos mil portugueses inquiridos neste estudo, quase três quartos (74%) admitiram usar o telemóvel ao volante e apenas 13% garantiram que o colocam fora do seu alcance durante as viagens de automóvel. O impacto deste problema nos acidentes rodoviários não é estudado pelas autoridades nem conhecido em Portugal.

Quanto às formas de utilização do telemóvel, a maior parte (69%) dos portugueses inquiridos admitem olhar para mensagens e chamadas que estão a receber, mais de metade olham para as notificações, um quarto lê e-mails e mensagens, e mais um quarto faz e envia mensagens de áudio. Um quinto admite mesmo utilizar apps, enquanto 19% enviam e-mails e mensagens e 18% utilizam apps de redes sociais.

O perigo do sistema mãos livres.

“O resultado dá nas vistas. Portugal fica em primeiro lugar, nos países da União Europeia, na percentagem de condutores que usam o telemóvel em alta voz ou para consultar as redes sociais e em sétimo lugar no uso do telemóvel na mão”, especificou José Manuel Trigos.

Apesar de terem consciência dos riscos associados à utilização do telemóvel, 43% dos inquiridos portugueses consideram aceitável falar ao telemóvel recorrendo aos sistemas de alta voz (33,8% na UE), enquanto apenas 1,6% considera aceitável falar com o telemóvel na mão (3,5% na UE).

A utilização de sistemas mãos-livres apresenta um “risco quase igual” ao de falar com o telemóvel na mão. “O grande problema não é a ocupação da mão, é a ocupação da cabeça, a distração cognitiva”, defende José Miguel Trigos, quem diz que se duplicarmos o valor das multas quando se é apanhado com o telemóvel na mão, como recentemente foi anunciado, estaremos ainda longe de resolver este problema.

Mas fumar ou falar com os ocupantes da viatura não constituem igualmente distrações? “Não tem comparação. A questão mais importante, apesar de agravar o problema, não é a mão. No caso do telemóvel [mesmo quando usado em alta voz], o primeiro problema é o da atenção e o segundo, o do olhar. Em vez de reagir num segundo, reajo em dois e isso significa que, em vez de travar 20 metros, só vou travar 40 ou 50 metros depois”.

O ideal era não ser possível falar ao telemóvel mesmo com sistema de mãos livres, mas, não sendo isto exequível, o caminho deve fazer-se tentando que a indústria automóvel e os responsáveis da segurança rodoviária cheguem a um entendimento, uma vez que os carros mais recentes vêm equipados com estas novas tecnologias que facilitam a distração.

Maria Luís Rodrigues, da Liberty Seguros, explica que não há dados fiáveis sobre o número de acidentes de viação provocados pela utilização do telemóvel durante a condução em Portugal, e reconhece que muitos acidentes participados às seguradoras acabam por surgir associados a outras causas, apesar de terem sido provocados pelo uso do telemóvel.

Enfaticou também que as seguradoras não têm forma de apurar se o acidente foi causado pela utilização do telemóvel na condução”. A agravar, “os carros já vêm todos equipados com mil e um gadgets, o que faz com que os condutores tenham fontes de distração, até porque passam muito tempo no trânsito”, acrescenta. E não há como controlar este fenómeno, a não ser que se coloquem câmaras nos carros ou drones no trânsito, mas isso levanta problemas de invasão de privacidade, acrescenta.

Tarefa 2

Viver no campo vai ser a tendência e ainda bem.

A ideia de abandonar o que conhecemos para o que não conhecemos é difícil, mas saibamos preencher Portugal de norte a sul, este e oeste, porque as nossas grandes cidades já quase não são portuguesas.

Todos nos recordamos **0.** ~~do~~ triste dia no qual alguém se lembrou de convidar os jovens portugueses a emigrar porque o país não estava a criar oportunidades para as novas gerações, ao invés de **1.** _____ procuradas soluções para este problema a curto, médio e longo prazo. Década após década, perdemos a oportunidade única de cumprir Portugal tal e qual nos dizia Fernando Pessoa. Portugal é um país relativamente pequeno, no qual uma grande parte da população e dos seus recursos estão concentrados apenas nalgumas cidades no litoral e parece não existir vontade por parte dos nossos governantes para inverter esta situação, que está **2.** _____ resolver. Vejamos o Alentejo que aguarda, há anos, pelo seu hospital central, na cidade de Évora. No entanto, quantos hospitais surgiram nas grandes cidades? Vamos desejar que um filho estude, trabalhe ou forme família numa cidade sem acesso a um hospital próximo? E quem diz um hospital poderá falar em escolas e noutros recursos, indispensáveis para retirar populações às grandes cidades, estimulando a economia no país de norte a sul, leste e oeste. Mas estes problemas, nunca se enfrentam, como se **3.** _____ impossíveis de resolver.

Quando olhamos para os jovens, que são o retrato do presente e do futuro do país, desejamos que tenham emprego e acesso à habitação para, no segundo seguinte, o negarmos porque não investimos de forma equitativa em todo o território e permitimos que o turismo com as suas **4.** _____ de gente consuma as grandes cidades, de forma desmedida e insustentável, retirando oportunidades e condições de vida a tudo e a todos. Investimos no turismo, alimentando as famílias que dele vivem, que, diga-se de passagem, são uma minoria no espectro populacional português. Que país estamos nós a criar e para quem? Que Portugal é este, no qual os mais jovens têm de acampar ou dormir em veículos para que não **5.** _____ a sua matrícula numa universidade? É um infortúnio não nascer ou não ter família em cidades como Porto e Lisboa? Colocar um teto máximo de cerca de mil euros para o aluguer de um T2 numa cidade como Lisboa é uma solução no Portugal real? Quantos casais jovens têm 1000 euros para colocar de parte por mês apenas para a renda da casa? A intenção, é certo que é boa, mas não chega, tal como não chegam para tantas pessoas os planos de renda convencionada desta vida que, entre cada concurso com 2000 candidatos, selecionam apenas entre 14 e 22 habitações.

A solução para tudo isto está na saída das nossas casas citadinas, ali **6.** _____ ao lado nas placas da autoestrada, que dão acesso aos caminhos do Portugal profundo. A solução passa por uma vida ideal, repleta de qualidade de vida, no nosso interior, no Portugal profundo, no Portugal por descobrir e por explorar, no qual se respira ar puro e não existe trânsito. Um Portugal onde podes adquirir um terreno e depositar a casa modular dos teus sonhos por um **7.** _____ que não terás, seguramente, que ficar a pagar a vida toda como terias de fazer por um apartamento na cidade ou pela habitação de aluguer que nunca vai ser tua e vai consumir, mês após mês, grande parte do teu salário, colocando os teus sonhos e as tuas viagens pelo mundo em segundo plano. Neste Portugal que sugiro, até poderás ter de trabalhar na cidade o que não é problemático visto que até temos das melhores estradas da Europa. Entretanto, quando **8.** _____ de casa de manhã, para trás ficará a tua esposa ou o teu marido e o teu filho que sabes que vai respirar ar puro, vai poder brincar na rua, e cuja probabilidade de contrair uma doença respiratória crónica é bem inferior à probabilidade de a contrair estando **9.** _____ na poluição de uma grande cidade. A tua eletricidade vai chegar à tua casa através de painéis solares. Não será esta solução melhor do que a emigração? Melhor do que abandonar as raízes, a família, os amigos, a terra, a comida e a participação no fluxo económico do país? Vais ser um urbano no campo, alguém que vai reaprender a viver, ao invés de sobreviver, que é **10.** _____ o fado triste dos millennials e das gerações mais novas

Observador©

alcateias	além	aliás	bem	de
forem	fossem	montante	mós	para
percam	perdem	por	saías	saíres
serem	soldo	submergido	submerso	

Tarefa 3

O problema mal resolvido da habitação em Portugal.

Só há liberdade a sério quando houver a paz, o pão, a habitação, saúde e educação, cantava Sérgio Godinho nos tempos da revolução. A paz chegou logo. O pão, a saúde e a educação para todos foram sendo construídos. A habitação foi e é a parente pobre do Estado Social em Portugal.

Sem vontade ou condições políticas para pôr em causa o regime de propriedade urbana, o regime democrático resignou-se com a enorme desigualdade na distribuição da riqueza imobiliária. O congelamento das rendas foi a solução encontrada para diminuir a carga sobre os inquilinos, mas teve efeitos devastadores na degradação dos imóveis, desincentivando durante anos o investimento na construção para arrendamento. Os governos acrescentaram ao congelamento das rendas a bonificação do crédito para compra de casa. Começou em 1983, com o governo do Bloco Central, e assim continuou durante décadas. A redução abrupta das taxas de juro e a concorrência desenfreada entre bancos na década de noventa deram o impulso que faltava para a explosão do crédito à habitação.

Portugal tornou-se um dos países da Europa onde uma maior parcela de famílias é proprietária da casa onde reside.

O incentivo do Estado à compra de casa própria foi um dos principais determinantes do endividamento das famílias portuguesas. Por outras palavras, tentou-se resolver o problema da habitação convidando as famílias a endividarem-se. O endividamento excessivo das famílias tornou-se um problema logo que a economia começou a abrandar. Em alguns casos, as pessoas que perderam o emprego deixaram de conseguir pagar o empréstimo e perderam as suas casas (continuando ainda assim a ter de pagar a dívida ao banco). Em Portugal estes casos foram menos frequentes do que noutros lados, mas houve outras consequências.

Quando parte do negócio bancário depende do crédito à habitação, qualquer redução do preço das casas pode tornar-se um problema

Pessoas muito endividadas têm menos rendimento disponível, pelo que consomem e investem menos. Quando isto acontece em larga escala, há menos procura agregada no país, o que se traduz em menos atividade económica e menos emprego. Além disso, o sistema bancário ficou refém do mercado imobiliário. Quando grande parte do negócio bancário depende do crédito à habitação, qualquer redução do preço das casas pode tornar-se um problema. Para os bancos, as casas cuja compra financiam constituem uma garantia, um ativo que permite realizar outros negócios. Se o valor das casas cai os bancos ficam em dificuldade. Num sistema como aquele que vivemos, isto significa menos financiamento a custos mais elevados para o conjunto da economia.